

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL**ALUMNO INVISIBLE, ESCUELA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE PRÁCTICAS DOCENTES EN UNA INSTITUCIÓN PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL****INVISIBLE STUDENT, HOSTILE SCHOOL, AND INDISCIPLINE: REPORT ON TEACHING INTERNSHIP AT A PUBLIC INSTITUTION IN BELÉM, PARÁ, BRAZIL**Cassio Henrique Costa Oliveira¹
Claudiana Viana Godoy²**RESUMO**

Esse trabalho trata de invisibilidade e de microviolência, em relação a alunos negros e moradores de baixadas, com o objetivo de entender como estas questões afetam a formação dos alunos e pensando em uma metodologia antirracista de ensino. Questiona-se o método hegemônico, em que a Geografia trabalha as relações entre homem e espaço, buscando utilizar o meio histórico-geográfico para compor uma didática melhorada, bem como ressaltar a importância do ensino antirracista para se obter uma melhor abordagem educacional. A pesquisa apresentou resultados bastante interessantes, principalmente em termos da relação escola-aluno e de como ela pode ser negativa na vida dos alunos.

Palavras-chave: Ensino, microviolência e racismo**RESUMEN**

Este trabajo trata sobre la invisibilidad y la microviolencia en relación con los estudiantes negros y los habitantes de las zonas bajas, con el objetivo de comprender cómo estas cuestiones afectan a la formación de los estudiantes y pensando en una metodología antirracista de enseñanza. Se cuestiona el método hegemónico, en el que la Geografía trabaja las relaciones entre el hombre y el espacio, buscando utilizar el medio histórico-geográfico para componer una didáctica mejorada, así como resaltar la importancia de la enseñanza antirracista para obtener un mejor enfoque educativo. La investigación presentó resultados muy interesantes, principalmente en términos de la relación escuela-alumno y cómo esta puede ser negativa en la vida de los alumnos.

Palabras clave: Enseñanza, microviolencia y racismo

¹ Graduando em Licenciatura Plena em Geografia, pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: cassiohenriquegeo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2915-3042>

² Professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA) e doutora em Geografia Humana, pela Universidade Federal do Pará (UFPA) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5346-2327>

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

ABSTRACT

This work deals with invisibility and micro violence in relation to black students and residents of low-lying areas, with the aim of understanding how these issues affect students' education and considering an anti-racist teaching methodology. It questions the hegemonic method, in which geography works on the relationships between man and space, seeking to use the historical-geographical environment to compose an improved teaching method, as well as emphasizing the importance of anti-racist teaching to achieve a better educational approach. The research presented very interesting results, especially in terms of the school-student relationship and how it can be negative in students' lives.

Keywords: Teaching, micro violence, and racism

INTRODUÇÃO

A etapa do componente curricular Estágio Docente em Geografia II, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Pará (UEPA), foi marcada por desafios significativos aos crescimentos profissional e pessoal. Além das práticas docentes da disciplina no ambiente escolar, a pesquisa buscou aprofundar a discussão sobre a microviolência, que, segundo Carneiro (2023) descreve o “[...] epistemicídio que implica um processo persistente de produção da indignidade cultural: pela negação à educação, sobretudo a qualidade; pela produção da inferiorização cultural” (Carneiro, 2023, p. 88). A referida autora descreve violência escolar ou microviolência, como comportamentos ou ações sutis e muitas vezes inconscientes, que podem causar dano, desconforto ou marginalização a indivíduos ou grupos — atitudes vindas de crianças e de adolescentes, que, ao mesmo tempo, podem ser entendidas como parte do crescimento individual. Nesse contexto, a presente pesquisa busca uma compreensão aprofundada acerca da desvalorização das escolas, que reproduzem violências e que inviabilizam os desenvolvimentos socioafetivo e cognitivo dos estudantes.

Reflexões sobre microviolências presenciadas em espaços escolares, principalmente em instituições carentes de atenção e de frentes, que direcionem os fortalecimentos socioafetivo e educacional ao corpo institucional e, primordialmente, aos estudantes atingidos pelos comportamentos agressivos, foram pontos de partida para a observação de algumas lacunas, que foram respondidas e/ou pensadas, com foco na entidade de ensino pública lócus do estágio. Então, como educadores (ou estagiários) e membros da comunidade escolar, perguntamo-nos: como se poderia elaborar um ambiente mais acolhedor e mais inclusivo a educandos, que se sentem e/ou que são invisibilizados e alvos de microviolências? Quais são

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

as abordagens e as ferramentas adequadas à mitigação destes problemas socioemocionais, que poderiam auxiliar na experiência escolar e no bem-estar destes estudantes?

A segunda experiência de estágio no curso de licenciatura resgatou questões importantes, que foram vivenciadas durante minha vida estudantil, como ex-aluno de escola pública, e que agora são revisitadas na perspectiva de um futuro docente. Embora tenha sido um período de apenas quatro meses, a intensidade da experiência foi significativa, e como futuro educador, percebo que estas questões, embora possam parecer simples, têm impactos profundos na vida do aluno e na sua relação com a escola.

O presente trabalho apresenta uma metodologia, que pode ser vista como empírica e exploratória, pois parte de uma experiência direta, realizada em campo, em uma escola pública municipal, situada no bairro Pedreira, na cidade de Belém do Pará, durante o primeiro semestre de 2025, que incluiu atividades de observação, de participação e de regência.

Para compreender a estrutura educacional de uma escola situada em um bairro periférico, constituído por um corpo estudantil repleto de problemas socioeconômicos, educacionais e afetivo, foi elaborada uma revisão de literatura, que auxiliou nas compreensões da indisciplina, da invisibilidade estudantil e da microviolência escolar, visando compor um debate sobre hostilidade escolar, a partir de autores das linhas de investigação da Geografia Cultural, da Geografia Humana e da Geografia Escolar, tal como Tuan (2013) e Santos (2012), que estudam o espaço escolar, como Freire (1970) e Silva (2019) e as relações e microviolências no campo da educação, como Carneiro (2023). Com isto, esse artigo se faz importante, pois busca entender as dinâmicas escolares reprodutoras de microviolências e que impulsionam ciclos de violências entre estudantes, docentes e a comunidade escolar de modo geral.

METODOLOGIA

O estágio foi intenso e instigante, embora não se possa deixar de apontar as dificuldades que se fizeram presentes no espaço escolar e no meu papel de estagiário-docente, seja pela estrutura precária, em que a escola se encontra, seja pelos comportamentos desafiadores de parte dos discentes. As atividades do estágio docente ocorreram entre março e junho de 2025, contabilizadas em 23 dias, o que correspondeu a uma carga de trabalho de 115

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

horas, junto aos alunos do 9º ano do ensino fundamental. As ações de estágio ocorreram no turno da manhã, o que possibilitou a ministração de quatro aulas em regência e a aplicação do jornal geográfico, trabalho elaborado nas reuniões presenciais da turma do componente curricular, na Universidade do Estado do Pará, e aplicado na escola da pesquisa.

No período de observação, próximo ao momento de provas, as interações se resumiram a atividades avaliativas voltadas aos exames, grande parte das quais foi retirada do livro didático, que surpreendentemente era acessado exclusivamente pela professora regente, tendo em vista indisponibilidade de livros aos estudantes da escola investigada — prática comum a escolas públicas municipais e estaduais.

Durante o período de observação, não pude deixar de notar algumas peculiaridades na relação entre a docente de Geografia e os alunos da escola investigada, que, a meu ver, podem ser classificadas como tentativas de interação, no início das aulas, seguidas de recuos e de rigidez, por conta dos comportamentos de muitos alunos, que ultrapassavam o limite do respeito, visto na postura desgastada da docente, que estabelecia uma ligação hierárquica vertical com os alunos, sem trocas de conhecimentos entre professor e alunos. Acredito que as maneiras inadequadas de alguns estudantes, perante a professora, com comportamentos desinteressados e desafiadores, prejudicaram o processo de ensino-aprendizagem na turma investigada.

As fases participativa e regencial do estágio foram estruturadas em ações, fundamentadas em três aspectos: a Cartografia Social, como em Faria (2020), facilitadoras dos ensinamentos cartográfico e espacial no nível básico; os pensamentos de Pinheiro (2023), cujo método de ensino tem o antirracismo em seu cerne e que busca quebrar paradigmas e ideias de branquitude intelectual, e de Santos (2012), por conta da sua leitura racial do espaço urbano, observando como tal questão interfere diretamente na mobilidade de pessoas não brancas; e a Lei n.º 10.639/2003, que visa os ensinamentos de história e cultura afrobrasileiras, de grande importância na luta antirracista.

A primeira atividade regencial trouxe uma problematização à turma. Inicialmente, foram feitas perguntas simples e diretas aos estudantes, versando sobre a afinidade destes à disciplina de Geografia e sobre suas atividades em momentos de lazer, e foi colocada a proposta de elaboração de um mapa, contendo o itinerário de cada aluno entre a escola e a casa — um esquema, em forma de croqui, com espaço para elaboração de detalhes

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

observados no percurso, bem como de referências obtida no caminho, a exemplo de conteúdos de placas, que foram incluídas no mapa de um discente, com o escrito “tia(o) do guaraná”.

Além desta problematização e da exposição da atividade do mapa do itinerário escola-casa, foi feita uma segunda tarefa, em uma roda de conversa, com a proposta temática COP30, a partir do que os alunos entendiam sobre o tema e de uma explanação sobre a região amazônica, proposta que foi desenvolvida e que culminou com a apresentação de um jornal geográfico, embasado em duas perguntas sobre uma matéria do jornal Alma Preta, com a manchete: *Projetada para COP 30, construção de avenida ameaça quilombo na Grande Belém*, em que foram relatadas algumas dificuldades, pelas quais o Quilombo do Abacatal, situado no município de Ananindeua (PA), vem passando, relacionadas à segurança e à invasão de seu território, devido à abertura da avenida Liberdade³, que, em tese, comporia um corredor ecológico, mas que faz parte de um movimento contraditório. Na ação educativa, também se abriu espaço para produções e representações artísticas, em formato de desenhos, usados para representar os conhecimentos dos discentes acerca da COP30.

Além disso, foi elaborado um material didático para uso nas aulas regenciais, referente às comunidades originárias, que parte dos textos das leis n.ºs 10.639/2003, que versa sobre o ensino das histórias africana e dos povos africanos no Brasil, e 11.645/2023, que visa os ensinamentos da história e da cultura das comunidades indígenas do Brasil, de Bispo (2023), que trata das importâncias dos quilombos e dos aquilombamentos (processo de organização social, que visa a autonomia, a identidade e a autodefinição para populações negras do Brasil), do modo pelo qual as pessoas perderam o respeito à natureza e da importância de confluir relações, e de Nunêz (2023), que aborda cosmovisões indígenas sobre a construção e sobre o entendimento das relações entre os homens e a natureza e entre si mesmos.

As atividades tiveram apoio e acolhimento da professora regente de Geografia da escola pesquisada, mas ocorreu um pequeno nervosismo da minha parte — algo normal, que foi contornado no processo —, pois o planejamento inicial incluía a aplicação destas atividades na forma de uma apresentação de *slide* no projetor, contudo, após orientação da professora titular, ficou entendido que a aplicação de material impresso em folhas seria melhor, em razão da praticidade do formato e da dificuldade de acesso ao *data show*. A partir

³ A avenida Liberdade terá 13,30 quilômetros de extensão, com duas faixas em cada sentido e acostamentos de 2,50 metros de cada lado. Contará, também, com faixas exclusivas para ciclistas, com pavimento ecológico e com iluminação fornecida por energia solar (Semas, 2024).

desta experiência, compreendi como cada turma funciona e entendi que os materiais didáticos devem atender à realidade dos alunos e a sua melhor relação com os conteúdos.

O método avaliativo foi dividido em dois critérios: a) Articulação com os objetivos: a avaliação dos alunos foi baseada nos conhecimentos compartilhados, durante as aulas, valorizando a aprendizagem adquirida, ao longo da atividade — a apresentação final dos alunos foi o momento culminante da avaliação; e b) Instrumentos de avaliação: para verificar a aprendizagem dos alunos, foram utilizados dois instrumentos: perguntas; e apresentações — estas foram elaboradas pelos próprios alunos, como forma de fixar o conhecimento adquirido.

É interessante pensar sobre o período do componente curricular Estágio Docente em Geografia II, pois muitos só se entenderão, e se encontrarão, como futuros professores (no sentido de se ver presente), durante o estágio supervisionado, justamente por ter o contato mais direto com a realidade da profissão, diferentemente do que foi apresentado na teoria, na universidade. Para melhor explicar este entendimento, faço uso das palavras de Moreira (2015), que abordam o enfrentamento das dificuldades para aplicar os conhecimentos adquiridos na universidade, ao longo dos anos, em sala de aula: “Ante o exposto, uma questão aponta no horizonte” (Moreira, 2015. p. 6).

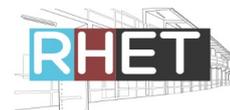
Dentro da dificuldade de atrelar os conhecimentos adquiridos na Universidade à prática, essa muitas vezes pode estar no emprego de didáticas inadequadas ou inacessíveis, pela docência, fazendo com que o aluno tenha problemas em receber/aceitar conteúdos, considerando sua realidade educacional, isto é, que tais conteúdos chamem a atenção deste aluno, de modo que ele possa se ver naquele tema aplicado a sua realidade.

ALUNO INVISÍVEL E MICROVIOLÊNCIA NA EDUCAÇÃO

A relação entre o aluno invisibilizado e as microviolências no contexto educacional parte de um mesmo lugar, que é o de epistemicídio, já apresentando em Carneiro (2023), que diz respeito à falta de acesso, à negação de qualidade e ao descrédito ao conhecimento empírico do aluno, e, quando olhamos para o cenário educacional público, observamos casos recorrentes deste movimento. Nesse caso, temos dois momentos: o primeiro, mais geral, abrange todos os estudantes; e o segundo, mais específico, é o que ocorre com alunos negros,

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 19, volume 2, - ISSN: 1982-3800



fazendo com que se questionem sobre a própria existência de sua inteligência ou, mesmo, com que acabem escondendo seus talentos, suas habilidades e suas capacidades.

Sendo um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio se efetiva, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferioridades racialmente, como uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade e que visa o controle de mentes e corações (Carneiro, 2023, p. 89).

Com isso, entende-se que o epistemicídio acaba indo além do aspecto do conhecimento dito hegemônico; ele também fere o aluno nas suas individualidade e personalidade, pois afeta acima sua mente e seu coração, como dito, compondo os processos de invisibilização e de microviolências para aquele jovem, ainda em formação, o que poderá ter total influência em suas juventude e vida adulta, muitas vezes.

Nesse cenário, muitas escolas acabam "inviabilizando" seus alunos, seja de forma direta ou indireta, isto é, transferindo os "problemas" para outros contextos e, muitas vezes, tratando-os de forma infantilizada. Nesse contexto, Freire (1970) utiliza o termo sectarização para descrever a transformação da realidade em algo imutável. Quando aplicamos este conceito às escolas, percebemos que é exatamente isto que acontece com alguns alunos: em vez de potencializar suas especificidades positivas e de os ajudar a mudar suas realidades, gerando novas perspectivas para os indivíduos em formação, ocorre o movimento oposto, de manutenção do pensamento de que não haverá mudança. Isso advém do tratamento do aluno como portador de problemas patológicos, cujas ações estariam ligadas ao seu vínculo familiar e ao seu meio social, ao rotulá-lo como proveniente de uma "baixada" ou periferia.

No contexto paraense, especialmente no meio urbano de Belém (PA), essa realidade se coloca a pessoas negras, majoritariamente. Carneiro (2023) relaciona este tipo de movimento à animalização dos corpos negros, pois estes são justamente os mais visados. Nesse caminho, e tratando do grande quantitativo de estudantes negros da região, a análise destes fatores torna possível entender os motivos, pelos quais estes jovens passam a sentir rejeição ou resistência ao espaço escolar, um ambiente a ser evitado e dispensável de suas realidades.

Tal lógica só reforça as ideias de que as ações dos jovens desconsiderados nos ambientes escolares sejam movidas por patologias ou por influências do meio, visto como um espaço familiar desestruturado. Para Carneiro (2023), o que está em questão é a "[...]

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

possibilidade ou impossibilidade de ruptura com o paradigma de exclusão e com um tipo de integração que significa um adentrar subordinado dos Outros mantidos na condição de colonizados, tutelados e dependentes” (Carneiro, 2023, p. 83). Dessa forma, quando o trabalho educacional não é feito de maneiras adequada e humanizada, pressupõem-se o rompimento e o encerramento de possibilidades e de caminhos para crianças negras, no que se refere ao pensar e ao acesso a um futuro e a uma educação de qualidade, que possam mudar suas vidas e entender suas questões, enquanto indivíduos negros. Ainda partilhando do conhecimento de Sueli Carneiro (2023):

Para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, o epistemicídio implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e pelo rebaixamento da sua capacidade cognitiva; pela carência material e/ou pelo comprometimento da sua autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo (Carneiro, 2023, p. 88).

Dessa maneira, fazendo uma breve analogia à famosa frase de Paulo Freire “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor” (Freire, 1970), em conexão com as colocações de Carneiro, fica esclarecido que esta forma de educação é transmitida e utilizada de modo perverso, como um mecanismo de deslegitimação do negro, tanto como produtor de conhecimentos quanto como indivíduo passível de adquirir estes conhecimentos, logo ele acaba tendo seus conhecimentos muitas vezes descredibilizados em prol dos conhecimentos hegemônicos.

ESTRUTURAS PRECÁRIAS, ALUNOS INVISÍVEIS

Nesse contexto, é interessante analisar, em geral, as estruturas presentes em algumas escolas das baixadas das metrópoles dos estados e, em específico, da Região Norte, ou a realidade de uma escola de um bairro periférico de Belém (PA) como nas figuras que seguem, em que é possível ver como a estrutura física da escola se encontra, por conta de reformas, que tiveram início ainda no período da pandemia e que ainda não foram entregues — e que ainda foram prolongadas, devido a promessas da *Conference of the Parties 30 (COP30)*, que será realizada no município paraense, em novembro do corrente ano, segundo as quais as escolas deveriam ser reformadas, para se adequar às normas do evento.

Figura 1 – Fotografia do pátio de uma escola municipal de Belém (PA)

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 19, volume 2, - ISSN: 1982-3800





Fonte: Trabalho de campo (Ago. 2025)

Conforme exposto na figura, é possível ver resquícios do antigo telhado da escola em reforma — anteriormente à aquisição da imagem, era possível ver mais materiais descartados na área da frente da escola. Já a Figura 2 apresenta a frente da escola, revelando como ela se encontra há cinco anos — o nome da escola foi coberto, em razão das políticas de ética e de respeito à instituição participante desta pesquisa.

Figura 2 – Fotografia da fachada da mesma escola municipal de Belém (PA)



Fonte: Trabalho de campo (Ago. 2025)

É nítido que a reforma não veio, durante estes cinco anos, e que a estrutura escolar vai ficando cada vez mais deteriorada — ao passar diante do imóvel algumas vezes, foi possível perceber apenas um segurança no local, nada além disto. E, por conta de uma reforma, que se faz apenas ilusória, até o momento, a organização de funcionamento da escola foi remanejada para outro prédio, em que já atuam outras duas instituições de ensino, gerando um ambiente de microtensões no novo prédio, seja pela forma de tratamento dos alunos, seja pelas relações entre os próprios. Nesse caminho, deve-se dar destaque à matéria feita pela Agência Pará (2021), em relação às reformas de prédios escolares, que podem ser divididas em duas partes: pandemia e COP30.

Investimentos em reconstrução de escolas, formação continuada de educadores, alimentação escolar e no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, reforçam o compromisso do Governo do Pará com a educação. No dia em que a capital, Belém, completa 405 anos de fundação, a secretária de Estado de Educação, Elieth de Fátima Braga, frisa que o governo já viabiliza outras iniciativas na área educacional, a fim de ampliar a eficiência do ensino e propiciar ambientes de estudos adequados à comunidade escolar (Agência Pará, 2021).

Ao analisar as falas da secretaria de educação de época, e o trabalho feito, durante o estágio, é notável que muitas escolas nem chegaram a entrar em reforma, de fato, em especial as estaduais, localizadas em bairros periféricos ou que atendem diretamente a estas populações — como é o caso da escola representadas nas figuras 1 e 2, que representam justamente estas questões.

A mesma reportagem abordou o outro ponto, que seria o das obras em escolas para a COP30:

Com foco na melhoria e qualidade da educação ofertada no território paraense, o Governo do Pará assinou, nesta quinta-feira (13), o Pacto Nacional pela Retomada de Obras da Educação Básica da rede estadual, um programa do Governo Federal que visa recuperar obras educacionais que estão paralisadas ou inacabadas. A assinatura do termo de aprovação do pacto foi realizada durante evento com a presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do governador Helder Barbalho, em Outeiro, distrito de Belém (Agência Pará, 2025).

Novamente, seguiu-se a mesma lógica das escolas, que passaram por reformas, durante a pandemia, reafirmando o que foi colocado, que diz respeito ao fato de que muitas escolas foram remanejadas para outras, fazendo com que duas ou três instituições ocupem o mesmo prédio, muitas vezes mantendo apenas turmas de ensino médio ou algumas de fundamental, unindo turmas, para deixá-las em um sala, apenas, ocasionando bastantes ruídos

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

em sala, por conta do número de alunos estar acima do adequado para ministrar uma boa aula, e fazendo com que a docência, que já tem grandes demandas nas aulas, precise que fazer mais esforços na tentativa de conciliar alunos, disciplinas e afins.

Enfim, as questões das reformas das estruturas das escolas chamaram bastante a atenção, durante o período de estágio, por conta das conjunturas que foram criadas pelas reformas inacabadas, sejam elas originárias da pandemia, sejam as provenientes da COP30. De todo modo, ambas vão ter um impacto negativo no aprendizado dos alunos, sejam os dos ensinos fundamental I e II, sejam os do ensino médio, pois as metodologias de educação acabam sendo prejudicadas, bem como a atenção dos alunos, em relação às aulas, por conta dos fatores estruturais já mencionados, pois este remanejamento de escolas tem resultado em salas de aulas lotadas, quentes, com bastante poeira, tempo de espera para a merenda, durante o intervalo, entre outros problemas. São mais fatores negativos do que positivos, pensando no aspecto educacional.

QUANDO O ENSINO E A EDUCAÇÃO NÃO SÃO CRÍTICOS

Ao analisar o que a estrutura escolar deveria ser de fato, chegamos à conclusão de que a escola deveria ser um espaço, que vai além da criação e da reprodução de conhecimentos, apenas: “Por outro lado, não há mais possibilidade de considerarmos o Ensino, a Educação, a Escola e a Sala de Aula como meros espaços de reprodução, mas sim de criação de conhecimento” (Silva, 2019, p. 29). Dessa forma, é possível chegar a dois pensamentos: no primeiro, a escola se faz presente e potencializa o estudante, para este mudar a sua realidade; e, no segundo, a escola e a sala de aula servem como meios de reprodução de microviolências. Em nossas observações, essa segunda linha de pensamento é a mais reproduzida, logo é possível colocar que muito desta situação é fruto da omissão de dois agentes importantes: os pais, essenciais ao crescimento dos jovens; e o corpo estudantil, que por vezes acaba fazendo com que o alunado fique desinteressado pelo conteúdo e que a escola acabe virando uma obrigação, ao invés de um espaço de desejo de aprendizado.

Dessa maneira, deve-se considerar uma leitura, que estabeleça um debate, que coloca as questões raciais como pontos principais no entendimento de uma teoria mais próxima à realidade. Nesse sentido, Santos (2012) especifica a relação espaço-temporal e a forma como esta vai delinear as conexões sociais, principalmente com relação aos acessos dados à

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

educação em escolas periféricas, que são frequentadas por pessoas negras, em sua maioria. Quando colocamos questões raciais e de classe no debate educacional, chegamos a resultados importantes, pois, em tese, a educação pública, seja em nível estadual, seja em nível municipal, é horizontal, porém, em locais de ensino próximos a centros e a bairros nobres, é possível ter outras formas de acesso a meios educacionais.

É necessário que se tenha acesso a uma educação, que se faça de maneira mais acolhedora, com mais destaque para a aprendizagem do aluno, para que este possa ter uma educação digna e que o afete de maneira positiva. Em alguns bairros periféricos, nota-se exatamente o oposto: vem ocorrendo um movimento de realocação de escolas para dentro de outras, causando grandes tumulto e tensão nos ambientes estudantis.

Nesse sentido, pode-se trabalhar com a questão de Tuan (2013), que seria a ideia de não lugar, uma vez que a escola seria entendida como um não lugar para o aluno inviabilizado pela instituição, que faz com que ele passe a não ter estímulos para frequentar espaços educacionais, sendo muitas vezes obrigado a ir, para que sua família não perca benefícios, como o do bolsa família, por exemplo.

Ainda nos campos do ensino e da educação, vale o destaque para a Lei n.º 10.639/2003, com foco nos ensinamentos da história e dos conhecimentos de matriz africana, salientando que esta também deveria priorizar os conteúdos de Geografia, fortificando o que foi tratado, ao longo do trabalho: “No intuito de que este saber, fundamental na construção de visões de mundo e comportamentos e posicionamentos, contribua com o projeto de educar para a igualdade racial” (Santos, 2009, p. 22). Tal iniciativa mostra a importância de outras formas de pensar e de explorar o saber geográfico e o espaço urbano, trabalhando sempre a ideia de equidade racial, em busca de auxiliar não só alunos negros, mas também brancos, que não experimentam situações de perigo ou afins pelos seus tons de pele, na compreensão do meio urbano racializado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação básica tem muito a melhorar, tanto estrutural quanto socialmente, pois, além de este ser um espaço de conhecimento e, por vezes, de refúgio a muitos, ele também tem a função de humanizar os estudantes dos ensinamentos fundamental I e II, logo é necessário ir além de frases feitas, como a de que as crianças são o futuro do país; é preciso tratá-las como

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

seres humanos de fato, assim deve haver trabalhos estruturais voltados ao desenvolvimento dos estudantes, enquanto futuros membros ativos da sociedade, que podem tomar decisões de maneira racional, porém que necessitam de incentivos, para buscar mudanças sociais.

Dessa forma, o estágio foi de fundamental importância para a minha construção como professor, justamente para entender, de maneira prática, como funcionam as interações de uma sala de aula, bem como que existem momentos, em que é preciso ser um pouco mais rígido para não perder a dinâmica da sala de aula, junto dos quais ocorrem outros, de acolhimento, seja por meio de conversas, seja por brincadeiras, que podem ter grande significância para os estudantes.

Retomando o debate inicial, apresentado no início do artigo, e as inquietações, que surgiram no decorrer do estágio, entendo que o profissional de educação deve criar ambientes, em que o aluno possa ser acolhido, para que este entenda e veja a escola como um ambiente seguro e de amplo de conhecimentos, e não apenas teórico e obrigatório. Nesse caminho, penso que práticas com projetos, como a do “Lê pra mim”, seriam bastante interessantes, desde que estas cheguem a mais escolas, e periféricas, o que pode ser obtido por parcerias com autores e com pessoas envolvidas em meios culturais. O mesmo se dá com o “Bem viver, cultura de paz”, que seria fundamental justamente por ir contra as microviolências, que ocorrem no âmbito educacional. Ambos os projetos já são trabalhados pela Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC), porém não estão chegando a todas as redes de ensino público. Dito de outro modo, existem formas de romper ou, pelo menos, de diminuir as dinâmicas relatadas neste trabalho, porém todas elas passam pelo fortalecimento de um ensino de qualidade, em que as escolas sejam espaços que vão além do ensino puramente teórico, que muitas vezes não conversa diretamente com o aluno.

Portanto, é importante destacar a falta de materiais didáticos, as estruturas precárias, o manejo indevido de escolas, entre outros fatores, que acabam gerando espaços estressantes e de tensão a todos os seus usuários, o que não justifica certos tratamentos dispensados aos alunos, que estão passando por momentos de transformação, seja ela educacional, seja ela social. Isso, além de transformar a escola e o ambiente escolar em não lugares, redonda no dito epistemicídio da juventude em formação, especialmente a negra.

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 19, volume 2, - ISSN: 1982-3800



REFERÊNCIAS

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

BRASIL. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 8 jun. 2025.

BRASIL. **Lei n.º 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 19 ago. 2025.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DOS SANTOS, Renato Emerson. Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. *In*: DOS SANTOS, Renato Emerson (org.). **Questões urbanas e racismo**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012. p. 36-67.

FARIA, Ana Paula. Reflexões sobre cartografia social: comunidades tradicionais na luta por direitos e valorização. **Fórum Nacional NEPEG**, v. 10, p. 261-269, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GOVERNO do Pará autoriza início da construção da Avenida Liberdade. Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Clima e Sustentabilidade do Pará, 15 jun. 2024. Disponível em: <https://www.semas.pa.gov.br/2024/06/15/governo-do-para-autoriza-inicio-da-construcao-da-avenida-liberdade/>. Acesso em: 28 ago. 2025.

LOPES, Ana Lúcia de Souza. Estratégias pedagógicas de formação de professores para a produção de materiais didáticos em EaD. **Revista EDaPECI – Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais**, v. 17, n. 1, p. 151-165, jan./abr. 2017. DOI: 10.29276/redapeci.2017.17.16291.151-165.

NUÑEZ, Geni. **Descolonizando afetos**: experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Paidós, 2023.

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

PINHEIRO, B. C. S. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.

SILVA, C. C. L. Possibilidades geográficas: você sabia que existem “outras” Geografias? *In*: GUIMARÃES, G. F. *et al.* (org.). **Geografias negras e estratégias pedagógicas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 27-36.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place**: the perspective of experience. 1. ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2013.

ALUNO INVISÍVEL, ESCOLA HOSTIL E INDISCIPLINA: RELATO DE ESTÁGIO DOCENTE EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE BELÉM, PARÁ, BRASIL

Revista Homem, Espaço e Tempo, nº 19, volume 2, - ISSN: 1982-3800

